

O Cristal

Escrito por Eduardo Magela Rodrigues

eduardo@eduardo.rodrigues.nom.br

(37)9993-4969

Registrado no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional sob o número 311116,
no Livro 567, Folha 276, em 9/2/2004

O cristal

A Busca do Cristal - Parte I.....	5
Yaron.....	6
Tremores.....	10
O vale do rio Wordock.....	29
Na Planície da Divisão.....	31
Koshrom.....	36
Os sinos de Kruttar - Parte I.....	40
O solar da torre.....	48
Os sinos de Kruttar - Parte II.....	60
Uma chegada inesperada - Parte I.....	63
Primórdios de Yaron.....	68
Hornak e Kournikova.....	69
Amor, dor, sacrifício.....	97
A primeira queda de Niilich - Parte I.....	122
Bellator.....	123
A primeira queda de Niilich - Parte II.....	132
A Noite Negra.....	134
A cura.....	142
O Estreito Greebank.....	166
Esperas.....	184
Morte ou glória.....	196
Após a batalha.....	216
A Busca do Cristal - Parte II.....	219
Uma chegada inesperada - Parte II.....	220
A sacerdotisa de Niilich.....	224
Dentro das Cavernas.....	236
Último instante.....	295
De volta a Niilich.....	297
O décimo nono dia - Parte I.....	302
Senex.....	308
O décimo nono dia - Parte II.....	314
Os dias seguintes.....	317
O diário de Helyan.....	333

Apêndices.....	347
Lista de personagens.....	348
Nota do autor.....	351
Mapa de Yaron.....	354

*“Há milhões de anos, o planeta Terra foi governado
por homens que só buscavam o poder absoluto.
A cegueira deles levou-nos à destruição total.”*

Seção 1:

A Busca do Cristal - Parte I

Yaron

Yaron é um pequeno planeta localizado em nosso sistema solar. Durante anos foi um lugar próspero e com total paz entre os habitantes de suas cinco cidades-estados: Kruttar, Koshrom, Niilich, Lefster e Nemadorag. Cada cidade-estado possuía seu governador e todas eram auto-suficientes política e militarmente. Obviamente, os exércitos de cada cidade-estado tinham uma função apenas simbólica e cuidavam apenas de manter a ordem, já que nenhuma guerra entre elas acontecera desde os primórdios da civilização yaroniana, quando criaturas maléficas foram trancadas nas profundezas das Cavernas do Esquecimento. Desde então nenhum outro conflito foi travado. O estágio de desenvolvimento de Yaron poderia ser comparado à nossa Idade Média, com a magia e os mitos sendo levados mais a sério que a ciência em si.

Com o passar dos anos, porém, a tranqüilidade do planeta foi abalada por ondas de calor cada vez mais intensas. As plantações, outrora férteis, já não produziam alimentos suficientes para todos. O calor se espalhava pelo planeta de tal modo que todas as cidades-estados se encontravam de sobreaviso.

Com a situação se agravando rapidamente, um conselho formado pelos governadores de Koshrom, Nemadorag e Kruttar e pelos maiores sábios do planeta foi convocado. A reunião de emergência aconteceu em Nemadorag, a maior e mais rica de todas as cidades-estados de Yaron, debaixo da crescente apreensão que tomava conta de todos os habitantes do planeta. Foi durante esta reunião que Senex, o mais poderoso e respeitado mago do planeta, informou o que estava acontecendo: Yaron estava sendo atraído pelo campo magnético do Sol e dentro de alguns anos se tornaria totalmente inabitável, devido ao calor progressivamente intenso.

A declaração apocalíptica causou histeria coletiva em todos os presentes.

— O que vamos fazer então? — perguntou um dos sábios.

— Bem... — disse Senex. — Como representante mais antigo dos magos deste planeta, eu possuo uma solução para nosso problema, mas preciso da aprovação de todos neste conselho.

— Se realmente for uma solução, não será difícil para nós aprová-la, Senex. — argumentou o governador de Kruttar, Ambrek Arkhanov. — Diga-nos qual é.

— Não é segredo para nenhum de vocês, senhores, que eu, Senex Klenz, possuo um conhecimento muito superior ao de qualquer outro homem de Yaron. — disse o mago, imponente. — A origem de todo este conhecimento não vem ao caso neste momento, vocês não precisam saber a origem de tudo, pelo menos agora. Contudo, todo o saber que eu carrego em diversas áreas me dá

poderes extraordinários. Um desses poderes seria o de retirar nosso planeta da sua órbita normal e deslocá-lo para um ponto mais distante do Sol.

Ao dizer isso, Senex causou novamente uma onda de comentários e sussurros que durou alguns instantes. Com algum esforço um silêncio relativo foi conseguido e o mago continuou sua explanação:

— Através de uma poderosa magia, eu poderia deslocar nosso planeta para fora de sua órbita natural e conseqüentemente para longe do Sol. No entanto, não posso afirmar onde ele iria parar, ou, melhor ainda, se poderia se chocar com algum outro planeta ou astro. São detalhes a serem cuidadosamente analisados, apesar do tempo correr contra nós. E é isto que gostaria que todos discutissem antes de chegarmos a uma conclusão sobre o que realmente devemos fazer.

— Com certeza, meu sábio Senex. — disse o governador de Nemadorag, Lork Litovic. — Mas acredito que nossas opções nestes momentos não são muitas. O calor é cada dia mais insuportável e a fome e a seca tendem a atingir cada vez mais pessoas. O caos ronda Yaron e acho que todos nós, sem exceção, concordamos que se esta é a única saída, deveremos adotá-la.

— Obrigado, governador. Eu humildemente acredito que esta seja de fato nossa única solução neste momento. Mas gostaria de saber dos outros presentes se há alguma outra possibilidade a ser estudada.

Nenhum outro membro do Conselho levantou alguma hipótese e ficou decidido, de forma unânime, que a solução sugerida pelo mago seria utilizada, apesar de todos os riscos que ela poderia implicar. Senex foi autorizado a executar sua magia tão logo se sentisse preparado.

(...)

Após a decisão do conselho, Senex se isolou numa região chamada Campos Sagrados, localizada a sudoeste de Nemadorag. Durante três dias o mago passou por processos de profunda meditação e purificação. Apenas Lyahm Konnsterk, o mais renomado guerreiro de Yaron e capitão-guerreiro da guarda de Nemadorag, foi autorizado a acompanhá-lo, como escolta. Durante o período nos campos, Senex permanecia por grandes períodos de tempo sentado, na mesma posição, sem fazer qualquer movimento. Durante a noite lia antigos livros de magia. O calor era sufocante e Lyahm por algumas vezes sentiu-se à beira de um desmaio.

(...)

Ao final do terceiro dia Senex aproximou-se de seu companheiro. O Sol já se punha.

— É chegada a hora, Lyahm. Não tenho mais tempo. O calor cresce cada vez mais, e em alguns dias ninguém neste planeta conseguirá mais se mover. O que tiver de ser feito será feito com urgência.

— Concordo com você, meu sábio amigo. O suor me encharca as roupas. Minha cabeça dói e a minha vista algumas vezes escurece...

— Se eu demorar mais não restará coisa alguma para ser salva. Amanhã será o dia decisivo. Só espero conseguir executar a magia com sucesso.

— Tudo sairá bem — disse Lyahm. — E nosso planeta será salvo.

— Assim espero. — respondeu Senex, deitando-se na grama, visivelmente tenso e cansado. — Preciso descansar agora. Mente e corpo deverão estar em perfeita harmonia amanhã. Boa-noite!

— Boa-noite. Cuidarei para que nada o incomode.

(...)

O Sol nascia cada vez mais rápido em Yaron e já se fazia escaldante logo nas primeiras horas da manhã. Lyahm ficara acordado durante toda a noite, guardando a única pessoa que poderia salvar o planeta de um fim terrível. Senex levantou-se com os primeiros raios do alvorecer, vestiu uma túnica branca, pegou um velho livro de magia e dirigiu-se para uma pequena colina. Lyahm o observava, calado.

O mago atingiu a parte mais alta da pequena colina, abriu o livro e começou a proferir palavras mágicas, compreensíveis apenas para ele. A voz foi-se tornando mais forte e o semblante cada vez mais sério. Repentinamente ele abre os braços e se vira na direção do Sol. Um forte vento começou a soprar, levantando redemoinhos em várias partes do campo. Os ventos eram tão fortes que Lyahm viu-se forçado a deitar-se no solo para não ser levado, enquanto Senex continuava na mesma posição, aparentemente desconectado de tudo. Apenas seus lábios se mexiam. Já não era mais ouvido pelo guerreiro, que assistia a tudo estirado sobre a grama. Lentamente o mago foi erguendo os braços e uma bola de luz começou a se formar sobre sua cabeça. O vento soprava forte e a esfera crescia cada vez mais, como se fosse alimentada pelas correntes de ar que varriam todo o ambiente em volta de Senex. Quando a esfera atingiu um tamanho gigantesco, ela começou a brilhar fortemente. Lyahm continua agarrado ao solo, observando aquele espetáculo fantástico que se desenrolava. Depois de alguns momentos a estrela brilhava tanto que ofuscava o próprio Sol. Os ventos continuavam soprando e Senex ainda recitava suas frases rituais, impávido como se fosse uma estátua de pedra. A esfera brilhante de energia começou a ganhar altitude. Subia lentamente pelos céus de Yaron. O mago parecia guiar o objeto através de gestos. Quando a bola atingiu

determinada altitude ele soltou um grito estrondoso e apontou para o Sol, como se estivesse arremessando algo. No mesmo instante a enorme bolha foi lançada, a uma velocidade inacreditável, em direção ao astro-rei. Um brilho cegante foi liberado segundos depois e um silêncio total se fez. O brilho foi-se dissipando e a escuridão absoluta tomou conta de Yaron por alguns segundos. O vento cessara. Lyahm não conseguia enxergar nada.

— Senex! Onde você está? Você está bem? — gritou.

Nenhuma resposta.

— Senex! Senex! O que houve? — insistiu Lyahm, caminhando na direção onde vira o mago pela última vez.

— Deite-se, guerreiro! — gritou Senex no meio da escuridão — Agarre-se ao que puder!

Lyahm obedeceu à voz vinda da escuridão e se agarrou ao solo novamente. Subitamente o vento recomeçou a soprar, tornando-se cada vez mais forte. O solo começou a tremer e o Sol reapareceu novamente. No entanto, à medida que o vento aumentava, o astro parecia mais distante. O vento atingiu uma velocidade assustadora, exigindo do guerreiro toda a sua força para se manter no chão. Foram segundos de total pânico para Lyahm, até que em determinado momento a ventania cessou e solo não mais tremia. O guerreiro levantou a cabeça e viu o Sol ao longe. Parecia bem distante e o calor de seus raios já não era tão abrasador. Pelo contrário, era até agradável. O campo onde se encontrava era um mar de folhas arrancadas, galhos quebrados e troncos retorcidos. Ele se pôs de pé, ainda um pouco atordoado. Procurou então por Senex. O mago estava atirado no solo, no topo da colina. Lyahm correu até ele.

— Senex! Você está bem?

Tomou-lhe o pulso e percebeu que o coração dele ainda batia. Tentou abrir-lhe os olhos e viu que o mago não respondia a nenhum estímulo. Estava desacordado. Mas tinha feito sua tarefa, brilhantemente. Lyahm abraçou-se a ele por alguns instantes.

— Você nos salvou a todos, meu amigo. Obrigado.

Tremores

Senex permaneceu desacordado por uma semana. Lyahm o levou de volta a Nemadorag a cavalo. Enquanto o herói dormia, todos comemoravam seu feito. O planeta fora deslocado para longe do Sol. Obviamente alguma destruição e morte ocorreram no trajeto percorrido através do espaço sideral, mas todos concordaram veementemente que era o preço que tinha de ser pago. O astro-rei continuava aquecendo Yaron, mas agora de maneira benéfica, como em tempos remotos. Em pouco tempo tudo voltaria ao normal.

(...)

Certo dia, o mago acordou de seu sono e deparou-se com Lyahm ao seu lado.

— Bem-vindo, amigo! Todos os habitantes de Nemadorag, e talvez de Yaron, querem prestar-lhe homenagens! — disse Lyahm, sorridente. — Você será imortalizado em nossa história pelo seu grande ato!

— Não sei se terei forças para sair deste leito. — disse Senex, fracamente. — Ainda me sinto sem energias. Aquela magia me exauriu por completo.

— Não se preocupe. — retrucou Lyahm. — Você tem todo o tempo do mundo para descansar. Nós podemos esperar por você.

— Espero que sim. — respondeu o mago.

— Apenas descanse seu corpo e sua mente. Vou deixá-lo em paz agora. Volto mais tarde.

Lyahm saiu do cômodo e deixou o velho mago pensativo. Senex sentia-se ainda muito fraco, mesmo uma semana depois de ter lançado a magia que salvara Yaron. Seus membros doíam muito, e ele se sentia sugado por dentro, como se quase toda a sua energia vital tivesse sido usada para fabricar a esfera que arrastara o planeta para longe do Sol. Ele não contara a ninguém, e nem contaria, que estivera em dúvida se era capaz de fazê-lo, até o momento em que lançou a magia. Após ver a grande bola de luz se chocando contra o Sol e liberando uma onda de energia que varreu o planeta para longe, ele sentiu os sentidos desaparecendo rapidamente até perder totalmente a consciência. Sua completa recuperação demoraria algum tempo, mas havia um outro assunto que o preocupava naquele momento. Senex imaginava em que ponto do sistema solar estava Yaron naquele momento, e o que poderia acontecer dali em diante. Poderia estar em rota de colisão com algum outro planeta ou astro? Ficaria o planeta indefinidamente naquele setor, ou seria atraído ou expelido por outros campos gravitacionais? O mago ocupava seu tempo de descanso com estas e

outras suposições, enquanto todos os habitantes do planeta apenas queriam saber de festejar o Dia da Salvação, como seria conhecida aquela data.

(...)

Já haviam se passado quinze dias desde o Dia da Salvação quando a vida em Yaron começou a voltar ao normal. Após uma semana de celebrações, os habitantes do planeta retornaram as suas atividades diárias. A reconstrução de vários pontos em todas as cidades-estados estava em andamento. O Sol não mais dava sinais de qualquer irregularidade. Levaria algum tempo para que tudo estivesse em ordem, mas o feito de Senex havia colocado muita esperança nos corações de todos os yaronianos e eles voltaram a acreditar que tudo era possível. Notícias de que Kruttar e Koshrom também estavam se recuperando rapidamente chegavam até Nemadorag.

Senex estava sentado, sozinho, à varanda da casa de Lyahm Konnsterk, observando uma bela manhã, quando o dono da residência aproximou-se.

— Bom-dia, amigo. Vejo que a cada dia você parece mais forte. Isto é bom. — disse Lyahm.

— Já me sinto melhor, mas não inteiro. — respondeu Senex.

— Pude notar que seu semblante já não anda tão pesado quanto nos primeiros dias em que você acordou. Algo aconteceu?

— Nada aconteceu. — afirmou o mago, olhando para o céu. — Tenho de confessar que estava com minha mente cheia de preocupações, mas até agora nada de ruim aconteceu e começo a acreditar que tudo ocorreu esplendidamente bem para nós. Não lhe direi que esteja totalmente tranqüilo quanto a isto, mas me sinto mais aliviado.

— É uma boa notícia! — Lyahm sentou-se ao lado de Senex e, como ele, observava o céu. — E por falar em boas notícias, tenho várias, vindas de todos os cantos de Yaron. O planeta está reagindo bem, todos estão trabalhando. Em pouco tempo tudo voltará ao normal.

O mago abriu um sorriso tímido, virou-se para Lyahm e tocou-lhe os ombros.

— É o que mais quero, Lyahm: que tudo volte ao normal.

— Tudo voltará, Senex. Tudo voltará.

Os dois continuavam olhando as nuvens que cobriam uma parte do céu de Yaron naquela manhã agradabilíssima. Lyahm falava sobre futuros torneios entre as cidades-estados e seu desejo de voltar a competir. Ele havia ganhado fama e respeito durante estes torneios e era considerado o melhor espadachim de todo o planeta. Como não havia muito o que fazer para um guerreiro em uma terra sem guerras, estes torneios eram as únicas oportunidades de exercitar sua arte.

Quanto a Senex, no seu íntimo ele desejava apenas estar totalmente recuperado. Quinze dias se passaram e a sensação de falta de energia ainda se fazia presente. Sua aparência já era a mesma que exibia antes do Dia da Salvação. Por dentro, no entanto, sentia-se absurdamente fraco e vazio. E nem mesmo ele sabia explicar por qual razão. Contudo, naquele momento em que conversava com Lyahm as sensações pareciam mais amenas. Talvez o que estivesse sentindo interiormente fosse apenas sua mente.

Lyahm e Senex continuavam sua conversa matinal quando um ruído ensurdecedor cortou o céu. Os dois se entreolharam, atônitos e alguns segundos depois um tremor de terra os sacudiu e os atirou violentamente contra a parede. Lyahm levantou-se e socorreu o mago, que continuava estendido no solo.

— Tudo bem, Senex?

— Está tudo bem, Lyahm. Foi apenas um tombo. — disse Senex, se levantando. — Mas o que terá sido isto?

— Não faço a mínima idéia. Nunca vi um tremor como este, antes. — disse Lyahm. — Venha, vou levá-lo para dentro e em seguida procurar saber o que aconteceu.

Então um novo ruído, ainda mais alto que o primeiro, foi ouvido e novamente um tremor, mais intenso, sacudiu toda a casa. Uma nuvem de fumaça se ergueu ao noroeste.

— Parece que vem de Koshrom! — gritou Lyahm. — Mas o que poderá ser?

— Nunca ouvi um estrondo tão forte. — disse Senex, visivelmente preocupado.

Ao longe uma nuvem de fumaça pintava de cinza o céu na direção de Koshrom. Lyahm dirigiu-se até o castelo onde o governador de Nemadorag vivia. Buscava informações sobre o que acontecera. Litovic, o governador, o recebeu na torre de observação do castelo.

— Enviei meu mensageiro mais rápido até Koshrom. — disse Litovic, enquanto observava a cortina de fumaça. — Tenho quase certeza que o tremor veio de lá.

— Não poderia ter sido um raio, não havia nuvens para isso e além do mais o ruído foi bem diferente. — argumentou Lyahm. — Não existe em Yaron uma arma capaz de produzir tamanho estrondo.

— Poderia ser uma mágica. — retorquiu o governador, preocupado.

— Somente Senex poderia fazer algo daquele porte, e eu estava ao seu lado quando os dois estrondos foram ouvidos.

— Realmente. Eu havia me esquecido do primeiro estrondo. Parece ter sido mais ao Norte, no deserto Aneech, eu acho. — concordou o governador. — Bem, no momento podemos apenas esperar por notícias e colocar nossa guarda em alerta, meu caro Lyahm.

— Colocarei todos os meus homens em alerta máximo, senhor. Seja o que for, não ocorrerá em Nemadorag.

Lyahm despediu-se de Litovic e imediatamente espalhou guardas por toda a cidade-estado. Durante o resto da manhã e toda a tarde, patrulhas se movimentaram por todos os cantos, fazendo buscas e tranqüilizando a população. Nada de anormal aconteceu e, quando o Sol começava a se pôr, Lyahm retornou ao governador. Encontrou-o sentado à mesa de reuniões, no salão principal do castelo.

— Novidades, senhor? — perguntou o soldado.

— Nenhuma, Lyahm. O mensageiro que enviei só deverá voltar de hoje a uma semana. — disse Litovic. — Teremos de esperar e, enquanto isso, nos preparar para qualquer coisa.

— Será uma longa espera para todos em Nemadorag, então.

— Com certeza, com certeza. Vá para sua casa e durma. Você trabalhou muito hoje. Amanhã deverá ser mais pesado ainda e temo que necessitarei de seus serviços novamente.

— Estou sempre pronto para servir minha cidade, senhor. — respondeu Lyahm, de forma solene. — Com sua licença.

O guerreiro se retirou do castelo e voltou para sua casa. Senex estava sentado à varanda, pensativo. Nem notara a presença do recém-chegado.

— Aconteceu algo, Senex?

— Lyahm? Desculpe, estava imerso em pensamentos... — falou o sábio, olhando para o céu. — O que aconteceu é somente o que nós presenciamos. Nada mais, nem menos, por enquanto. Notícias?

— Ainda não. O mensageiro que Litovic enviou até Koshrom só retorna daqui a uma semana. Nenhuma pessoa em Nemadorag tem idéia do que foram aqueles estrondos. E, para ser sincero, tenho medo de saber a real causa.

— Todos nós estamos temerosos, Lyahm.

O guerreiro retirou seu equipamento e colocou-o sobre a mesa, logo à entrada de sua residência.

— Se você me dá licença, vou tomar um banho e comer algo antes de dormir. Estou exausto. — falou.

— Descanse tranqüilo. Acho que nada mais acontecerá hoje.

Ao terminar de pronunciar esta frase Senex percebeu um brilho forte no céu. Uma chama vermelha brilhava, ofuscando todas as estrelas. Prestando mais atenção o mago notou que a chama estava se movimentando rapidamente.

— Lyahm! — gritou o mago. — Venha, rápido!

Lyahm surgiu rapidamente e posicionou-se ao lado de Senex.

— Minha nossa! O que é aquilo? Uma estrela cadente?

— Acho que não. Suponho que seja algo pior. — falou o mago, em tom de preocupação.

— Pior?

— Sim. Mas não vamos falar disso agora. Para onde ele está indo?

— Pelo jeito vai cair perto do Lago das Brumas. — respondeu Lyahm.

Os dois, e mais todos os habitantes de Nemadorag ficaram observando o ponto luminoso se aproximando cada vez mais do horizonte até que uma explosão foi vista. Segundos depois um novo estrondo sacudiu a cidade. Não foi tão forte quanto o segundo, o que indicava que o ponto de impacto tinha sido mais distante. Após o tremor Lyahm se virou para Senex, que continuava com a expressão fechada de preocupação:

— Meu caro amigo, se você sabe o que é isto, acho que é hora de falar.

— Não tenho certeza ainda, Lyahm. Não posso alarmar as pessoas sem ter certeza...

— Alarmar as pessoas? Mais? Em um dia três tremores e uma bola de fogo caindo do céu!

O que pode alarmar mais as pessoas que isso? Vamos, Senex, conte-me o que você sabe.

O mago fez um sinal positivo com a cabeça, caminhou para dentro da casa, seguido por Lyahm. Sentou-se numa cadeira, respirou fundo e começou:

— O que lhe direi agora é somente aquilo que eu suponho. Não posso afirmar com certeza que seja a verdade, apesar de no fundo de minha alma eu acreditar fortemente que sim.

— Tudo bem. — disse Lyahm. — Conte-me o que é.

— Bem... — os olhos do mago traziam a preocupação nitidamente estampada neles — Eu acredito que após ter tirado nosso planeta de sua rota natural, eu o empurrei para uma região de nosso sistema solar cheia de campos de asteróides. Era um risco que todos em Yaron concordaram em pagar, e eu não acreditava que isto pudesse acontecer de fato. Mas é muita coincidência três asteróides caírem sobre o mesmo planeta no mesmo dia. Eu já sabia sobre estes campos de asteróides. Eles foram formados pela explosão de um superplaneta, há muitos milênios. Yaron na verdade veio desta explosão. Como era um bloco maior, acabou se estabilizando e adquirindo uma órbita própria. Os blocos menores ficaram vagando em determinada região do espaço, esta mesma na qual estamos agora.

— O que poderemos fazer, então? — indagou Lyahm, visivelmente aterrorizado pela notícia.

— Por enquanto, esperar. — respondeu Senex.

— Esperar? Esperar o quê? Que algo apare todos os asteróides que venham em nossa direção? — gritou o guerreiro.

— Não, Lyahm. Temos de esperar algum tempo para ver a intensidade das quedas dos asteróides e ver se elas vão se repetir. Talvez o que aconteceu hoje tenha sido apenas coincidência, uma trágica coincidência.

— Não acredito nisso! — emendou Lyahm.

— Nem eu, meu amigo, nem eu. Mas não podemos levar este assunto além desta sala até que tenhamos certeza do que está realmente acontecendo. Imagine o pandemônio que será feito em todo Yaron! A única coisa que podemos fazer é manter nossas bocas fechadas nas próximas semanas e tentar acalmar a população. Vou procurar em meus livros e tentar encontrar qualquer coisa a respeito. Você deve continuar protegendo nossa cidade com seus homens.

— Como vou proteger a cidade de asteróides? — perguntou Lyahm, colocando a cabeça entre os joelhos. — Jogaremos flechas e lanchas neles? Ou formaremos uma grande barreira de escudo no alto das muralhas?

— Sei que é uma tarefa ingrata. — disse Senex. — E não faço a mínima idéia de como cumpri-la. Apenas tente levar um pouco de segurança até as pessoas e orientá-las para que estejam sempre atentas ao que vem do céu. Agora vá dormir, sua cabeça e seu corpo precisam de repouso.

— Não sei se conseguirei dormir após tudo o que você me disse. — falou Lyahm, irritado.

— Ao menos tente.

O soldado nada mais disse e entrou para o quarto. Com a cabeça cheia de pensamentos temerosos, estirou-se na cama. Ao contrário do que pensava, dormiu rapidamente. O movimentado dia venceu seu corpo e não deixou muita energia para que sua mente trabalhasse. Dormiu profundamente naquela noite.

(...)

Senex permaneceu boa parte dos dias que se passaram sentado em sua cadeira, lendo anotações antiqüíssimas feitas por ele. A cada nota lida tinha mais certeza que os três projéteis que atingiram Yaron não eram uma mera coincidência, e que dias piores estavam por vir. E, talvez, sacrifícios seriam necessários. Depois de ter confirmado que não havia outra explicação para aquilo que não fosse a queda de asteróides, o mago explicou a situação para Lyahm. O guerreiro ouviu tudo em silêncio, embora interiormente sentisse que sua vida começara a tomar nova direção a partir daquele dia.

(...)

Passaram-se os sete dias e Lyahm Konnsterk acordou, mais uma vez, nos primeiros instantes da manhã. Levantou-se rapidamente e foi até o quarto de Senex, onde encontrou o mago dormindo profundamente. Abriu a porta da frente da casa e observou a cidade. Quase todos os habitantes de Nemadorag ainda dormiam e a calma reinava, depois de todos os acontecimentos vividos dias atrás. Lyahm olhou para o céu e nada viu, além do Sol brilhante em meio a um mar azul sem nuvens. Mesmo assim, continuava apreensivo. Sentia dentro de si que aquela serenidade mostrada na cidade e no céu parecia ser apenas mais um dos intervalos que se alternam antes de uma grande tragédia. Entretanto, nada comentou. Guardou aquelas sensações para si.

O chefe da guarda tomou seu café da manhã e dirigiu-se para o castelo do governador. Uma pequena multidão começava a se amontoar na porta do local. Esperavam notícias de Koshrom. Lyahm se intrometeu pelo meio da multidão até atingir o portão principal, que estava sendo guardado por alguns de seus homens.

— Bom-dia, senhor! — disse o guarda que estava à frente do portão.

— Bom-dia, Levv. Alguma novidade?

— O mensageiro retornou de Koshrom, senhor. Chegou há pouco. Neste momento está com o governador, no salão principal do castelo.

— Tudo bem. Continue guardando o portão até segunda ordem e não permita que ninguém entre.

— Certo, senhor.

Lyahm atravessou o portão e subiu as escadas que davam para o salão principal do castelo, onde normalmente o governador realizava as audiências populares. Litovic estava sentado à cabeceira da grande mesa com quinze lugares. A seu lado estava o mensageiro. Assim que viram o chefe da guarda entrando pelo recinto, interromperam a conversa. O governador se levantou e se dirigiu até Lyahm.

— Que bom que você chegou, capitão. As notícias que vêm de Koshrom não são animadoras. — disse, convidando o guerreiro a sentar-se. — Temo que um perigo enorme ronda Yaron.

— Entendo, governador. Eu vim o mais rápido que pude. E, assim como o senhor, também não tenho bons pressentimentos quanto aos acontecimentos de ontem. O que conta nosso mensageiro?

— Rednev iria começar a me relatar os fatos exatamente agora. Ele viajou por três dias seguidos em seu cavalo e está muito cansado. Sugeri que descansasse um pouco, mas ele insiste em me contar tudo primeiro.

— Se é assim, por favor, comece, Rednev.

Rednev, um franzino rapaz em seus vinte e poucos anos, estava com profundas olheiras e com o semblante visivelmente fatigado pela cansativa jornada empreendida. Ajeitou-se na cadeira, apoiou os braços na mesa e começou seu relato:

— Meu nobre governador Litovic, Koshrom está mergulhada no mais profundo caos. — disse, com voz amarga. — Cheguei no portão Sul da cidade ao final da tarde e a encontrei quase totalmente abandonada. Havia algumas pessoas saindo desordenadamente pelo portão, abandonando suas casas e seus pertences. E eu vi o medo estampado em suas faces. Pareciam decididos a ir para qualquer lugar. Isto ainda do lado de fora dos muros. Quando adentrei os portões vi uma coluna de fumaça espessa e escura subindo do lado Norte da cidade. Vi casas abandonadas, ruínas, uma bagunça generalizada, dando a impressão que a grande maioria das pessoas saíra em debandada, sem ao menos olhar onde pisavam e para onde iam. Continuei caminhando, sem conseguir muita informação a respeito do que teria acontecido, pois poucas pessoas ainda estavam lá e nenhuma delas queria falar sobre o ocorrido. Caminhei rumo à coluna de fumaça e após um longo tempo atingi a parte Norte de Koshrom. Meus olhos não acreditaram naquilo que enxergaram. Senti uma sensação horrível subindo pela minha garganta e acabei por vomitar em meus próprios pés. Senti-me fraco, cambaleei e tive de me sentar por alguns instantes.

— O que você viu de tão horripilante? — perguntou Litovic, já impaciente.

— Senhor, o castelo do governador de Koshrom estava completamente destruído! No lugar dele havia apenas um grande buraco, de onde saía a coluna fumaça! Nenhum muro ou parede do castelo estava de pé. Havia sangue e pedaços de corpos espalhados em volta do buraco. — os olhos de Rednev se esbugalharam nesta parte do relato, como se ele estivesse revendo as imagens, ali na frente de Lyahm e Litovic. — Todos, absolutamente todos, estavam irreconhecíveis, queimados, estraçalhados. O cheiro de carne humana era insuportável e vomitei novamente. Coloquei um lenço em volta do nariz e me aproximei do buraco. Tinha pelo menos uns quinhentos metros de comprimento. Olhei para dentro dele e não consegui enxergar seu fundo. Muita fumaça saía de lá, e só pude perceber que algo ainda queimava lá dentro.

— O que poderia ter lançado este projétil? — indagou Litovic. — Não é de meu conhecimento que Lefster ou Kruttar tenham catapultas deste porte.

— Esta projétil não foi lançado, governador. Ele se chocou com nosso planeta, na verdade. — interrompeu Lyahm. — Ele veio do espaço, não de Yaron.

— O que você está querendo dizer, Lyahm? Que o que aconteceu em Koshrom não foi feito por humanos? Que mago poderia fazer isso? Nem Senex é tão poderoso.

— Ninguém fez isso. Aquilo que caiu em Koshrom, do mesmo modo que os outros dois projéteis que vimos, era um asteróide em rota de colisão com nosso planeta. Mãos humanas não

seriam capazes de conceber determinado objeto de destruição. — explicou o soldado. — Senex tem pesquisado em livros e anotações desde aquele dia e chegou a conclusão de que Yaron está na mesma órbita de um campo de asteróides.

— Eu acho que o chefe da guarda deve estar certo, meu caro governador. — disse Rednev. — Não há mágica ou tecnologia bélica neste planeta capaz de causar a destruição e morte que presenciei.

Litovic olhou para os dois homens com ar de espanto, então se levantou, caminhou em direção ao fim da mesa, olhou novamente para Rednev e sentou-se em sua cadeira.

— Continue o relato, por favor.

— Bem. Caminhei um pouco pelas bordas da cratera, tentando enxergar algo lá dentro que não fossem chamas ou fumaça, mas meus esforços foram em vão. Apenas pude notar que a muralha norte também tinha sido destruída, provavelmente pelo impacto. O Sol já estava sumindo no horizonte e a escuridão já se fazia presente. Como não havia ninguém por perto para contar-me o que realmente acontecera, decidi retornar. Durante a viagem, no entanto, pude notar outro clarão no céu e vi uma bola de fogo se dirigindo para o lado do Lago das Brumas. Exigi o máximo que meu cansado cavalo podia fazer para chegar o mais cedo possível aqui. Se o capitão Lyahm está certo ou não, eu não posso afirmar, mas espero que isto não aconteça com Nemadorag.

— Nós também não, mensageiro. — disse Lyahm.

— Tem algo mais a nos contar, Rednev? — perguntou Litovic.

— Não, senhor. Isto é tudo o que sei. Espero que tenha sido útil.

— Claro que foi. Descanse agora, você merece. Mas, por favor, não fale sobre esse assunto com mais ninguém. Não quero alarmar ninguém antes da hora. — inteirou Litovic.

— Como o senhor desejar. Com sua licença.

Rednev saiu do salão, deixando Lyahm e o governador sentados, olhando para a janela.

— O que faremos, Lyahm?

— Não há muito o que fazer, senhor. Se uma dessas rochas espaciais cair em Nemadorag não haverá tempo para fazer muita coisa. Somente tentar evacuar a cidade o mais rápido possível. Estamos com as mãos atadas.

— Mas a população pedirá alguma notícia sobre o que aconteceu em Koshrom, ou sobre a bola de fogo. O que direi? — perguntou Litovic.

— Realmente não sei o que o senhor poderia dizer. Só sei o que não pode ser dito. Talvez uma reunião com seus conselheiros de maior confiança lhe traga alguma boa idéia. Não podemos colocar mais medo no coração de nossa gente.

— Você tem razão. — concordou o governador. — Vou convocar um conselho para a tarde de hoje. Serão chamados somente meus homens de confiança. E você é um deles.

— Agradeço sua consideração, senhor governador, mas acho que serei de maior utilidade nas ruas. Peço apenas que o senhor garanta que este assunto não saia daqui. A governabilidade de Nemadorag depende disto.

— Isto é algo totalmente garantido. — disse Litovic se levantando e indo até a janela para observar as ruas da cidade. — Depois da reunião com os conselheiros farei uma declaração pública para acalmar os ânimos.

— É o melhor a se fazer neste instante. Tente recolocar a cidade em seu ritmo normal. Agora, com sua licença, tenho de exercer minhas funções.

— Oh, claro, claro, Lyahm. Você está dispensado. Muito obrigado, mais uma vez.

— Estarei sempre à disposição. Com licença.

Lyahm se retirou e deixou o preocupado governador divagando sobre o que fazer. Mas ele mesmo tinha suas preocupações. Como principal responsável pela segurança em Nemadorag se sentia totalmente desarmado. A única coisa que podia fazer era não deixar transparecer no seu rosto o que o corroía por dentro. Queria acreditar que Senex estivesse errado e que as quedas foram apenas trágicas coincidências, mas sabia que seu amigo mago dificilmente se enganava. Desceu as escadas do salão rapidamente e retornou ao portão, onde a multidão crescia, procurando por notícias.

— O governador está em reunião e deverá falar somente à tarde. — disse Lyahm. — Não há nada o que fazer aqui, voltem para suas casas, por favor. Assim que tudo for devidamente apurado, toda Nemadorag será informada.

Então Lyahm, juntamente com seus guardas, dispersou a multidão.

— Levv, ninguém entrará neste castelo sem prévia autorização minha ou do governador. — ordenou.

— Ninguém entrará, senhor.

— Jash, quero uma patrulha reforçada em torno do castelo. Vou dar uma volta pela cidade para saber como estão as coisas.

O chefe da guarda partiu para o centro de Nemadorag, onde encontrou tudo relativamente calmo. Enquanto caminhava desprentensiosamente pelas vielas apinhadas de pessoas, pensava no que Litovic falaria à população.

(...)

Litovic se reuniu com seus três conselheiros de maior confiança: Yaster, Roff e Niekles. Discutiram o assunto durante toda a manhã e boa parte da tarde. Procuravam uma maneira de informar o que havia acontecido em Koshrom sem causar nenhum pânico. Mas era algo realmente difícil de se explicar, mesmo com mentiras.

— Senhores. — disse o governador, ao final da tarde. — Não vejo muitas alternativas. Para ser ainda mais franco, não vejo nenhuma saída para este assunto. Preciso de vocês, mais do que nunca. O povo necessita de uma resposta satisfatória.

— Por que não falamos o que realmente está acontecendo? — sugeriu Yaster. — Não vejo outra maneira. Não podemos enganar nossos cidadãos, escondendo deles um assunto tão importante como este!

— A verdade causaria o caos instantâneo! — afirmou Niekles. — A ordem de nossa cidade simplesmente sumiria de cena! Poderíamos dizer que as bolas de fogo foram obra de um mago poderoso do Norte, mas que ele já fora capturado pela guarda de Koshrom.

— Talvez funcione. — concordou Roff. — Diremos ao povo que já está preso em Koshrom e que tudo estará sob controle. Não será necessário entrarmos em muitos detalhes e assim evitaremos perguntas por parte dos cidadãos.

— Considero este um argumento muito frágil. — criticou Yaster. — E se outra daquelas bolas aparecer novamente? O que diremos, que o mago fugiu? E se alguém quiser ir até Koshrom nos próximos dias, ou até mesmo nos próximos anos e ver o que nosso mensageiro relatou? Impediremos nossos cidadãos de trafegar fora de Nemadorag? E se algum sobrevivente de Koshrom bater às nossas portas? — perguntou o conselheiro, levantando-se e olhando para os demais presentes, instigando-os a responder àquelas questões. — A verdade é a única coisa a ser dita, meu caro governador. Não creio que consigamos elaborar um argumento convincente o bastante em tão pouco tempo.

— Suas palavras são sólidas, Yaster. Como sempre foram, aliás. — elogiou Litovic. — Mas temo pelo futuro da cidade se contarmos tudo o que sabemos. Não há como nos protegermos de um asteróide, nem mesmo desviá-lo. O conhecimento deste fato por parte de nosso povo seria desastroso. Talvez mais desastroso do que a queda de um desses asteróides.

— O senhor tem razão, meu governador. — Yaster concordou, coçando a barba grisalha. — Não podemos nos proteger dos asteróides por meios convencionais. Mas temos o maior mago de Yaron aqui! Senex provavelmente deve ter uma resposta para nossos problemas. Por que não o convocamos e ouvimos o que ele tem a nos dizer?

— Senex tem-se mostrado muito fraco desde o Dia da Salvação. — suspirou Roff, desanimadamente. — Não sei se está em condições de fazer outra grande magia... E não temos o

direito de exigir-lhe qualquer outra coisa. Ele fez muito mais do que qualquer outro cidadão de Yaron. Esta decisão cabe exclusivamente a nós.

— Você tem razão, Roff. — disse Yaster, abaixando a cabeça e batendo as mãos na mesa. — Senex já fez muito mais do que devia... — suspirou. — Meus amigos, eu não sei o que fazer! Sinto muito!

— Não podemos perder as esperanças. — insistiu Litovic. — Se este assunto está assustando a nós, grandes homens de Nemadorag, imagine o que irá acontecer com os mais humildes! Deve haver uma saída para isso! Tem de haver!

O governador e seus conselheiros estenderam a discussão noite afora sem encontrar uma explicação aceitável para dar à população. Já era alta madrugada quando decidiram o que seria feito no dia seguinte.

— Senhores — disse Litovic, levantando-se, visivelmente cansado. — Acho que teremos de contar a verdade a nossos cidadãos. É o único caminho a seguir. Quanto às possíveis reações de anarquia e desespero, bem, teremos de confiar em nossas habilidades políticas para contorná-las. E claro, acreditar na grande capacidade de liderança de nosso capitão Lyahm Konnsterk. Estou absolutamente consciente de que é uma atitude arriscada levar este assunto para as ruas, mas é um risco menor do que passarmos por mentirosos depois de algum tempo. Não acham?

— Bravo, Litovic! — disse Yaster, levantando-se e batendo palmas. — Bravíssimo! É o melhor a se fazer! Coragem e decisão, como um verdadeiro líder político deve fazer!

Roff e Niekles acabaram por se levantar e também aplaudiram o governador.

— Obrigado pela sua paciência e dedicação, senhores. — agradeceu Litovic. — Seus serviços prestados serão sempre alvo de minha mais profunda gratidão. Agora, por favor, retornem aos seus lares, descansem o suficiente. Amanhã precisarei de vocês novamente, na elaboração do meu discurso. Boa-noite!

Os conselheiros se retiraram solenemente e Litovic dirigiu-se para o seu quarto. Toda a cidade de Nemadorag dormia, ignorando o perigo que podia subitamente despencar dos céus e varrer a todos.

(...)

Era quase o final da tarde quando o governador de Nemadorag apareceu numa pequena sacada que ficava sobre o portão principal de seu castelo. Boa parte da população estava reunida em frente dele, inquieta, esperando por uma explicação. Como já era de se esperar, várias versões não-oficiais corriam pelas ruas, variando desde ataques de demônios até seres extraterrestres. Mas, no

momento em que Litovic se posicionou, ladeado pelos seus três principais conselheiros, Senex e seu capitão da guarda, todos se voltaram para ele e se calaram.

— Boa-tarde, cidadãos de Nemadorag. — cumprimentou, em tom sereno. — Nesta tarde venho, como seu governador, me pronunciar sobre acontecimentos que têm intrigado a todos nesta cidade e, por que não, em todo o planeta Yaron. Primeiramente, gostaria de esclarecer que a demora em trazer minhas palavras para todos vocês se deve ao fato de que estive todos estes dias em reunião com meus fiéis conselheiros, para garantir-lhes que tudo aquilo que direi aqui nada mais é que a pura verdade. Agradeço piamente a paciência de vocês. Obrigado!

Litovic fez uma pequena pausa. A multidão continuava em silêncio. Ele pegou algumas folhas e as posicionou a sua frente.

— Baseados em informações trazidas pelo nosso mensageiro enviado à cidade de Koshrom, em dados vindos da pesquisa do sábio mago Senex e após várias reuniões do Conselho Central de Nemadorag, eu, juntamente com meus conselheiros, cheguei à seguinte conclusão: Yaron está na mesma órbita de um cinturão de asteróides. As bolas de fogo que cruzaram os céus e atingiram Koshrom eram asteróides, vindos do espaço sideral.

Um murmúrio e uma inquietude tomaram conta da multidão. Litovic permanecia no mesmo lugar, impassível. Após alguns segundos, retomou seu discurso, falando mais forte:

— Sabemos que estamos num campo de asteróides, mas não sabemos com que frequência eles cairão, se é que cairão. Talvez o que aconteceu dias atrás seja apenas um fato isolado. Também não há como prever em que local cairão, se isto acontecer novamente. O que posso dizer é que não pouparemos esforços para obter mais informações e manter Nemadorag segura. Apenas peço que evitem viajar para outras cidades ou ficar além dos portões da cidade.

— O que faremos se um asteróide cair aqui? — perguntou uma voz.

Lyahm, que estivera todo o tempo calado, olhou para Litovic. O governador acenou com a cabeça e ele deu um passo a frente.

— Todos os soldados da guarda de Nemadorag trabalharão durante dia e noite, em turno dobrado. — disse o soldado. — Estamos elaborando um plano de evacuação da cidade para o caso de uma emergência.

— Evacuar para onde? Existe um lugar à prova de asteróides em Nemadorag? — outra voz se manifestou, ironicamente.

— Não, este lugar não existe. Infelizmente não há um lugar realmente seguro em Yaron, por enquanto. — respondeu Lyahm.

— O que faremos então, ficaremos esperando uma tragédia acontecer? — uma terceira voz se ergueu, recebendo brados de apoio.

— Também não. — disse Lyahm, resolutivo. — Ainda não temos uma solução definitiva, mas todos estão trabalhando em prol disso. É apenas uma questão de tempo.

— Tudo bem! — respondeu um dos cidadãos, em tom sarcástico. — Basta-nos ficar sentados aqui e ficar olhando para o céu durante todo o tempo. Se uma bola de fogo vier nesta direção, nós corremos para o outro lado!

Após alguns segundos de gargalhada coletiva a multidão parecia cada vez mais inquieta. Litovic e Lyahm trocavam olhares indecisos. A situação estava começando a ficar fora de controle. O coro de vozes inconformadas com as explicações se tornava cada vez mais forte, quando Senex deu um passo à frente. Ele trajava um manto branco e portava o cajado mágico. Naquele momento não lembrava em nada o homem velho e fraco que havia passado as últimas semanas praticamente deitado numa cama. Seu semblante transmitia ao mesmo tempo paz e energia. Os compridos cabelos grisalhos escorriam-lhe pelos ombros. A altivez de seu andar foi o bastante para atrair todos os olhares e fazer com que todos os cidadãos parassem de falar. O mago sorriu para eles e falou com voz poderosa e cheia de autoridade:

— Meus caros cidadãos de Nemadorag. Não temam! O governador Litovic e seus conselheiros podem não ter a solução em seus bolsos neste exato momento, mas tenho certeza que logo a terão. Eu mesmo tenho presenciado todas os esforços feitos por eles nesse âmbito. E, acreditem em mim, não têm sido poucos. Enquanto isso, para que nossa cidade não fique à mercê das pedras do espaço, eu, Senex, prometo invocar um encantamento que protegerá a cidade do perigo o tempo que for necessário até que uma saída viável seja encontrada.

A multidão, até então desconfiada, ao ouvir aquilo simplesmente explodiu em brados de honra e aplausos a Senex. O governador, Lyahm e os conselheiros olharam para o mago de maneira ao mesmo tempo surpresa e incrédula. Ele apenas lhes sorriu de volta e, com aceno para o povo, se retirou da sacada, voltando para o salão principal do castelo. Os demais fizeram o mesmo enquanto a multidão começou a se dispersar, feliz e aliviada pelas palavras que ouvira.

Dentro do castelo Senex se sentou à grande mesa do salão. Litovic, Yaster, Roff, Niekles e Lyahm adentraram e sentaram-se também. Ficaram os quatro olhando para o mago, que cantarolava calmamente, como se nada houvesse acontecido.

— Você não vai nos contar nada, meu caro mago? — perguntou Litovic.

— Desculpe se quebrei sua autoridade, meu querido amigo. — retrucou o sábio, sem erguer os olhos. — Mas a situação começou a ficar complicada e achei melhor intervir.

— Eu sei que você quis apenas nos ajudar, mas por que não nos contou antes que poderia fazer uma magia para proteger a cidade?

— Porque eu simplesmente não posso invocar essa magia. — respondeu Senex, sem mover nenhum músculo do rosto. — Não agora. Aquilo foi a solução que achei para o momento, para ganharmos algum tempo. Pelos cálculos que tenho desenvolvido nestes últimos dias, concluí que temos algum tempo antes de algum outro asteróide atingir Yaron novamente. Contudo, não posso certificar-lhes que meus cálculos estão absolutamente certos. Pode demorar mais ou menos tempo. A única certeza que tenho é que eles voltarão a cair.

— E quanto tempo temos, pelo seus cálculos? — perguntou Niekles.

— Bem, vinte dias, contando a partir de amanhã. — respondeu o mago.

— É muito pouco tempo! — exclamou o governador, descabelando-se. — O que faremos então?

— Talvez eu tenha a solução. — disse o mago, sorrindo timidamente. — Eu disse *talvez*. Estive lendo meus antigos livros e descobri uma poderosa magia que poderá proteger não somente Nemadorag, mas todo o planeta Yaron da ameaça que vem do espaço. No entanto, há um grande risco envolvido e que, infelizmente, não serei eu quem terá de enfrentá-lo.

— Se há uma chance de salvarmos Yaron, todo risco é válido. — emendou Lyahm, enquanto os outros presentes concordavam, balançando as cabeças.

— É bom ouvir isso de você, meu amigo. — sorriu Senex. — Pois você terá um papel crucial na tarefa que teremos de cumprir para tentar salvar nosso planeta destes asteróides.

— Eu estarei pronto para qualquer coisa!

— E eu admiro sua bravura! — disse o mago, acenando para Lyahm.

— Diga-nos o que tem de ser feito, Senex. — interrompeu Yaster.

O mago, agora com o semblante bastante sério, começou:

— Não temos muito tempo, e o que se deverá fazer é arriscado: ao Sul de Kruttar existem algumas cavernas, conhecidas como as Cavernas do Esquecimento. Obviamente todos vocês já devem ter ouvido algo sobre elas. Estas cavernas são habitadas por um poderoso demônio e criaturas malignas, adormecidas durante séculos. Os primeiros habitantes de Yaron os aprisionaram naquelas cavernas, após muita luta, e selaram a entrada com um símbolo mágico, o Selo de Yaron, que impede qualquer ser de entrar lá ou sair. No entanto, nos níveis mais profundos destas cavernas existem alguns cristais que brotam do chão, vindos do centro do planeta. Eles são portadores da energia vital do próprio planeta, e usando um desses cristais, combinado com a magia que tenho estudado, eu poderia criar um poderoso campo de força, que envolveria todo Yaron e nos protegeria. — Senex pausou por alguns instantes, olhou para seus ouvintes e, vendo que estavam absortos em suas palavras, continuou. — Esta magia exigirá muito de mim, mas sei que posso fazê-la. No entanto, adentrar nas cavernas é algo absolutamente mais perigoso. Teríamos de romper o Selo de

Yaron e descer vários níveis através de um caminho totalmente desconhecido e certamente povoado de perigos que nem ousamos imaginar. As vidas de nossos mais valorosos guerreiros seriam postas em risco, sem a certeza de que o sucesso seria alcançado. E ainda há a possibilidade, muito concreta, de que alguns dos demônios presos lá escapem e voltem a vagar pela superfície de Yaron. — Senex fez então uma grande pausa, olhando para cada homem ali presente, antes de continuar. — O que me dizem, senhores?

Um silêncio se fez, por alguns instantes. Senex insistiu:

— O que me dizem, senhores?

O silêncio permaneceu novamente.

— Se bem o conheço, nobre Senex, esta deve ser a nossa única alternativa. No entanto — Yaster levantou-se e caminhou pelo salão — Kruttar fica a cerca de dez dias de viagem, isto usando nossos cavalos mais rápidos. Adicione mais um ou dois dias para recrutar homens e negociar com o governador Arkhanov. — o conselheiro respirou profundamente. — E qual é a distância entre Kruttar e as cavernas, Senex?

— Cerca de dois dias, em ritmo forte, passando pela velha cidade de Nillich. — disse o mago.

— Já são quatorze dias. — continuou Yaster. — E quantos dias serão necessários para adentrar a caverna, achar o cristal e retornar a Nemadorag? Parece-me que passaremos os vinte dias com sobras.

— Não há como calcular o tempo gasto dentro das cavernas. — Senex respondeu. — Coisas podem acontecer ou não lá. Mas o cristal não precisa necessariamente vir para Nemadorag, pelo menos por enquanto. Eu cavalgarei até Kruttar, esperarei nossos homens e farei a magia na própria cidade. Isto dará seis dias aos nossos homens para conseguir o cristal e retornar.

— Você está em condições de cavalgar durante dez dias? — entrevistou Litovic.

— Na verdade, não conseguiria cavalgar por meio dia. — afirmou o mago. — Mas acho que sacrifícios devem ser feitos em horas como esta, governador. E como nossos enviados à caverna levarão no mínimo dezessete dias para cumprir a missão, poderei fazer o trajeto mais lentamente... — Senex respirou profundamente. — E, senhores, acreditem, encontrar este cristal é nossa única esperança. Caso contrário, todos nós e nossos descendentes viverão para sempre com medo de olhar para os céus de Yaron.

Novamente um grande silêncio se fez no salão. A respiração pesada de todos era a única coisa a ser ouvida. As mais importantes mentes de Nemadorag ponderavam o imponderável. Eles já sabiam a resposta, mas ninguém ousava dizê-la.

— Parece extremamente perigoso entrar nestas cavernas. — disse Lyahm, quebrando o silêncio. — Mas se for a única maneira de protegermos nosso planeta e as vidas que nele vivem...

O guerreiro interrompeu sua fala e fitou os olhos de Senex. Percebeu um brilho estranho neles. Estavam carregados de uma sombra negra e triste. O mago imediatamente desviou seu olhar, sentindo-se incomodado. Percebera que Lyahm havia lido algo que estava em sua mente, através dos olhos.

— Se entrar lá e combater um inimigo nunca visto, ou enfrentar um medo que não possa ser descrito com palavras é o único meio, então eu me ofereço humildemente para a missão. — continuou, ajoelhando-se perante Litovic. — Por Nemadorag e por Yaron!

— Eu, e acho que todos neste salão, já contava com isto, meu nobre capitão-guerreiro. — retrucou o governador, gentilmente levantando seu chefe da guarda. — Nunca duvidei de seu valor e de sua dedicação aos assuntos de nossa cidade. No entanto você não poderá cumprir esta tarefa sozinho. Precisarás de homens de fibra ao seu lado enquanto estiver nas cavernas.

— Tenho homens de minha total confiança aqui em Nemadorag, senhor.

— Eu sei disso, Lyahm. Mas não poderemos enviar toda a guarda para uma missão tão perigosa e deixar nossa amada cidade desprotegida. — Litovic disse.

— O governador tem razão. — concluiu Senex. — Meu caro Lyahm, você terá de encontrar alguns de seus companheiros fora dos portões de Nemadorag.

— Há excelentes guerreiros em Kruttar e Lefster. Havia bons homens em Koshrom também, mas temo que será complicado e demorado achá-los, caso ainda estejam vivos. — comentou Lyahm.

— Devemos nos concentrar apenas nos homens de Kruttar. Lefster está muito longe e não sabemos se também foi atingida. Na verdade não sabemos nem se Kruttar ainda existe. Mas leve apenas alguns homens daqui e recrute mais alguns em Kruttar. — completou o mago.

Lyahm acenou positiva e respeitosamente com a cabeça e se retirou. Ele sabia que havia assumido um grande fardo em seus ombros, mas não possuía a real noção do quão pesado era.

(...)

Após a decisão final do conselho de Nemadorag não havia muito tempo a perder. Lyahm escolheu quatro homens entre seus comandados: Levv, seu homem de confiança; Gaster, um valoroso espadachim; Keevs, um experiente homem de armas; e o jovem Klos, talvez o mais corajoso homem de Yaron, depois de Lyahm Konnsterk. Senex sugeriu ao capitão levar apenas dez homens para dentro das cavernas, pois ninguém sabia ao certo as dimensões delas, e encurralado

entre corredores apertados um batalhão de guerreiros seria facilmente dizimado. Os outros cinco homens seriam recrutados em Kruttar. E, usando as mesmas palavras do mago: “Se eu estiver certo, dez ou mil homens são a mesma coisa para aquilo que os espera no interior das grutas”.

Lyahm estava sentado na cama, calçando suas botas de couro. Seu equipamento de batalha estava ao seu lado: sua espada, sua cota de malha — há muito guardada —, seu elmo e suas botas de metal. A água e o alimento de que necessitaria durante a jornada seriam levados por escudeiros. Todos os cavalos deveriam estar bem leves para conseguir o melhor desempenho possível entre Nemadorag e Kruttar. Após estar devidamente calçado, ele se levantou e foi até a janela, observar o céu. Olhava para o Oeste, quando foi surpreendido por Senex.

— Lembranças? — disse o mago, aproximando-se e colocando a mão no ombro de Lyahm.

— Sim. — respondeu o capitão, com a voz um pouco abafada. — Estava aqui pensando nas coisas que aconteceram, naquelas que ainda estão por acontecer... — uma lágrima rolou pelo rosto de Lyahm, e ele discretamente a enxugou — E nas coisas que nunca acontecerão.

— Eu entendo sua tristeza com relação a isso, meu caro Lyahm. — confortou-o Senex — Mas não perca as esperanças até que o fim chegue. Você é mais forte do que pode imaginar.

— Mas não creio que seja tão forte quanto imagina, Senex. — retrucou Lyahm. — Algumas vezes me sinto fraco por dentro, frágil como uma criança que não consegue ao menos andar. — ele suspirou e outra lágrima rolou, sem que se preocupasse em escondê-la — Falta algo em mim... Algo que eu queria buscar... Mas agora não sei se terei uma oportunidade de fazê-lo...

— Sei o que você busca, amigo, mas não sei responder se você terá esta oportunidade. A única coisa que sei é que você não poderá levar estes sentimentos fragilizantes para dentro das cavernas. Se isto acontecer sua liderança certamente fracassará. — advertiu o mago. — Apenas lembre-se das coisas que você ainda tem de fazer e faça delas mais um motivo para sobreviver e voltar lá de dentro.

Lyahm levantou os olhos ainda úmidos. Um esboço de sorriso nasceu.

— Você tem razão. — concordou. — Não posso me abater. Preciso expulsar estes sentimentos de minha mente.

— Não creio que esvaziar sua cabeça seja o bastante, Lyahm. — retrucou Senex. — Talvez seja necessário emudecer seu coração, pelo menos pelos próximos vinte dias.

— Já faz algum tempo que meu coração está calado. — O guerreiro saiu da janela e, cabisbaixo, preparou sua cama — No entanto, não sei se conseguirei mantê-lo assim quando a hora decisiva chegar.

— Tenho certeza que sim. — disse o mago, retirando-se. — Descanse o máximo que puder. Um longo caminho o espera.

Senex fechou a porta do quarto e Lyahm estirou-se na cama. Por alguns momentos, permaneceu observando o teto, depois revirou-se para todos os lados durante algum tempo. Sentia-se inquieto. Então enfiou a mão debaixo do travesseiro e retirou uma fina gargantilha de prata. Segurou-a entre os dedos e ficou observando o pequenino cristal que pendia dela. A jóia possuía o formato de um coração e era oca por dentro. Todavia, brilhava esplendidamente em contato com a suave luz que vinha da janela. Lyahm parecia hipnotizado, olhando fixamente para o artefato, quase sem se mexer. Sua mente e seu coração estavam longe de Nemadorag. O restante de seu corpo os alcançaria alguns dias depois, em Kruttar.

O vale do rio Wordock

Faltavam vinte dias, segundo os cálculos de Senex, para novos asteróides atingirem Yaron. Logo pela manhã, a pequena caravana que sairia de Nemadorag com destino às Cavernas do Esquecimento partiu. Liderados por Lyahm Konnsterk seguiam Keevs, Klos, Gaster, Levv, montados nos mais velozes cavalos da cidade. Mais dez cavalos os seguiam, guiados por leves escudeiros, levando armas e suprimentos para a viagem. A comitiva partiu quando o Sol despontava timidamente no horizonte e a cidade ainda dormia. Apenas o governador Litovic, seus principais conselheiros e alguns soldados da guarda presenciaram a partida, em absoluto silêncio. Senex, o mago, partiria no dia seguinte.

Conforme combinado, deveriam cavalgar sempre às margens do Rio Wordock, cruzando o vale do mesmo através das Montanhas Sem Cume, até atingirem Koshrom. Lá atravessariam a Ponte de Koshrom e teriam pela frente as belas planícies dos Campos da Fertilidade, até atingirem a cidade de Kruttar. Teriam dez dias para cumprir o trajeto.

O ritmo imposto por Lyahm era forte. Cavalgavam sempre das cinco da manhã até o meio-dia, depois se seguia um intervalo para almoço. A cavalgada continuava até o início da noite, quando todos paravam, jantavam e dormiam até o próximo dia. Seguiam uma estrada que fora feita pelo povo de Nemadorag e que acompanhava o curso do rio. Estava bem conservada e sua largura suportava até cinco cavaleiros cavalgando lado a lado, o que permitia ao grupo avanços prodigiosos em termos de distância.

(...)

Três dias após terem deixado Nemadorag, os cavaleiros atingiram o vale do rio Wordock, nas entranhas das Montanhas Sem Cume. O complexo geológico tinha este nome porque seu topo era extremamente alto e não podia ser visto, pois ficava sempre coberto por nuvens. O vale que cortava as montanhas era estreito, e as águas corriam fortes através das pedras pontiagudas localizadas de uma margem a outra, produzindo um barulho bastante alto. A estrada, outrora ampla, agora se resumia a uma pequena passagem, com espaço suficiente apenas para um cavalo e um homem, bem à beira do rio. Qualquer descuido resultaria em uma queda nas corredeiras pedregosas. Como Lyahm e seus comandados alcançaram o local no início da noite, a visibilidade já não existia. Tentar ultrapassar o vale seria uma atitude arriscada e tola, por isso decidiram desmontar e descansar aos pés da montanha.